

ANÁLISE DO TERMO IDEOLOGIA E DE SUAS FUNÇÕES, DE ACORDO COM PAUL RICOEUR

CARVALHO, Isaar Soares de¹

RESUMO: O presente texto apresenta uma análise histórica do termo *ideologia*, relacionando-o inicialmente com a crítica dos ídolos, presente no pensamento de Francis Bacon. Depois aborda a origem do termo propriamente dito e de seu uso de forma astuciosa por Napoleão Bonaparte. Em seguida, expõe a análise do termo feita por Paul Ricoeur, especialmente às suas funções de representação, de deformação e de dissimulação, a última das quais se constitui no conceito propriamente marxista de ideologia. Enfim, alerta para o fato de que, ao criticarmos a ideologia, podemos incorrer na mesma pretensão de Napoleão que, ao fazê-lo, demonstrou seu interesse pela manutenção do poder.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricoeur, Ideologia, Marxismo.

ABSTRACT: This text presents a historical analysis of the term ideology, initially with the criticism of the idols, present in the thought of Francis Bacon. Then discusses the origin of the term itself and use your so astutely by Napoleon Bonaparte. Then, the analysis of the term made by Paul Ricoeur, especially to their representation functions and deformation of deception, the last of which is the actual concept of Marxist ideology. Finally, alert to the fact that by criticising the ideology, we incur the same pretense of Napoleon, who in so doing has shown your interest in maintaining power.

KEYWORDS: Paul Ricoeur, Ideology, Marxism.

¹ Doutor em Filosofia (UNICAMP). Pós-Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP). Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Frutal.

1. FRANCIS BACON E OS PRENÚNCIOS DO CONCEITO DE IDEOLOGIA

Talvez poucos sejam os temas de pesquisa que resistam tanto à objetividade quanto este. De acordo com Mc Lellan, “a história do conceito de ideologia é a história de várias tentativas para encontrar um ponto firme fora da esfera do discurso ideológico, um local fixo de onde possamos observar os mecanismos da ideologia em ação”². Mc Lellan considera Francis Bacon um dos precursores mais diretos dos estudiosos da Ideologia. No *Novum Organum* (1620), Bacon esboça um estudo da sociedade baseado na observação. Procurava atingir o verdadeiro saber e, para tanto, elaborou uma teoria do conhecimento que demonstrava os erros intrínsecos ao saber de sua época.

As concepções erradas e irracionais, que são obstáculos ao advento da ciência, foram por ele chamadas de “ídolos” e divididas em quatro espécies: *idola tribus*, *idola specus*, *idola fori* e *idola theatri*.

Pelos primeiros (*idola tribus*), referia-se aos erros causados pela natureza humana, pelo “antropocentrismo ingênito” que submete todas as coisas à medida do homem³.

Pelos segundos (*idola specus*), referia-se aos erros causados pela centralização do indivíduo em si mesmo. São erros decorrentes de uma idiossincrasia ou de um solipsismo epistemológico: a marca do indivíduo é colocada no processo e no resultado do conhecimento.

Pelos terceiros (*idola fori*), entendia aqueles erros decorrentes das falsas impressões causadas pelas palavras, da linguagem que se perde em equívocos e expressões inadequadas, produzindo discursos obscuros e sem rigor⁴.

Enfim, por intermédio dos *idola theatri*, Bacon referia-se aos aparentes sistemas filosóficos ou do saber que não passavam de peças fabricadas, as quais adquiriam renome simplesmente pela fascinação que provocavam, como

² David Mc Lellan. *A Ideologia*, 1987, p. 13.

³ Jean-Pierre Chretien-Goni, *In: D. Huisman (ed.), Dictionnaire des Philosophes*, 1984, p. 198.

⁴ De acordo com Cassirer, na obra *O Mito do Estado*, são estes os que possibilitam os mitos políticos.

as personagens construídas num jogo literário e artístico, atuando sobre a plateia como se fossem reais.

Bacon afirma que muitos foram os que, pelo desejo de criar sistemas filosóficos, impediram a chegada da verdadeira Ciência. De acordo com sua análise, “o entendimento humano é, dessa forma, um espelho falso, desfigurando as coisas pelas formas irregulares de sua própria natureza”⁵. Seu objetivo foi o de reformar a razão natural através do método.

2. ORIGEM DO TERMO IDEOLOGIA E AS PRETENSÕES DE PODER EM TORNO DE SEU USO

Apesar de sua análise do entendimento humano servir de precursora dos conceitos de “ideologia”, tal palavra foi utilizada, pela primeira vez, apenas, em 1801, por Destutt de Tracy, na obra *Projeto de Elementos de Ideologia*, cujo objetivo definido era “o estudo das ideias – no sentido geral dos fatos da consciência – das suas características, das suas leis, da sua relação com os signos que as representam e, sobretudo, da sua origem”⁶.

Paul Ricoeur considera positiva a aceção da palavra “ideologia” em relação a De Tracy, ao afirmar:

Mencionaré sólo de paso una acepción anterior y más positiva dela palabra ‘ideología’, puesto que dicha acepción há desaparecido del escenario filosófico. Este sentido del término derivaba de una escuela de pensamiento de la filosofía francesa del siglo XVIII, de unos hombres que se llamaban ellos mismos *idéologues*, abogados de una teoría de las ideas. La suya era una especie de filosofía semantica que declaraba que la filosofía tiene de ver no con las cosas, no con la realidad, sino con las ideas⁷.

Ele observa que o interesse por essa Escola, se ainda existir, talvez se deva ao sentido depreciativo que a ela foi dado:

Como opositores del imperio francés napoleónico, los miembros de esta escuela fueron tratados de *idéologues*. Por eso, la connotación

⁵ Jean-Pierre Chretien-Goni. *Op. e loc. cit.*

⁶ *Projeto de Elementos de Ideologia* (1801), apud Lallande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Porto, Rés, s.d., p. 601.

⁷ Ricoeur, P. *Ideologia y Utopia*, 1989, p. 47.

negativa del término puede rastrearse a la época de Napoleón, cuando por primera vez fue aplicado a este grupo de filósofos⁸.

E, indicando as características controvertidas da nomeação de alguém como ideólogo, acrescenta: “Esto tal vez nos advierte que siempre hay en nosotros algún Napoleón que designa a los demás como ideólogos. Posiblemente haya siempre alguna pretensión al poder en la acusación de ideología”⁹.

3. A FORMA DE ABORDAGEM DO FENÔMENO IDEOLÓGICO ADOTADA POR RICOEUR

Partindo da tese aristotélica, exposta no prólogo da *Ética a Nicômaco*, a respeito da “pluralidade dos níveis de cientificidade”, Ricoeur pretende mostrar que “o fenômeno da ideologia é susceptível de receber uma apreciação relativamente positiva”. O texto de Aristóteles ao qual se refere, “tem valor de advertência”, no início de sua exposição¹⁰.

Ricoeur procura evitar o que chama de “múltiplas armadilhas”, quando se trata do tema da ideologia. Tais armadilhas são de dois tipos. Na definição

⁸ Idem.

⁹ Idem. Ricoeur não vê transição alguma direta entre este conceito francês de ideologia e a acepção depreciativa do termo nos hegelianos de esquerda. Na obra *Ideologia y Utopia*, Ricoeur trata da ideologia, desde o jovem Marx até os seus escritos da maturidade. Depois, analisa o pensamento de Althusser, Mannheim, Weber, Habermas e Geertz relativo ao tema. Finalmente, examina a utopia em Mannheim, Saint-Simon e Fourier. Outra obra em que trata da Ideologia, é a *Interpretação e Ideologias*. Estas duas obras são uma excelente base para a explicação das funções da ideologia na sociedade em geral e de suas conceituações desde o pensamento de Marx e Engels. Devido à extensão da análise da primeira delas, nos deteremos na segunda, para abordar o fenômeno ideológico.

¹⁰ Eis o texto citado por Ricoeur, da *Ética a Nicômaco*, I, 3: “Teremos desempenhado satisfatoriamente nossa tarefa de fornecermos os esclarecimentos sobre a natureza do assunto que tratamos. Porque, na realidade, não devemos procurar o mesmo rigor em todas as discussões indiferentemente, como também não podemos exigir isso nas produções das artes. As coisas belas e as coisas justas que constituem o objeto da política dão margem a tais divergências, a tais incertezas, a ponto de termos acreditado que elas existiam somente por convenção, e não por natureza... Portanto, devemos nos contentar, ao tratar de assuntos semelhantes e ao partir de princípios semelhantes, em mostrar a verdade de um modo grosseiro e aproximado... Por conseguinte, é no mesmo espírito que deverão ser acolhidas as diversas visões que emitimos, pois é próprio do homem culto não procurar o rigor para cada tipo de coisa senão na medida em que o permite a natureza do assunto... Desta forma, num domínio determinado, julga bem aquele que recebeu uma educação apropriada; ao passo que, numa matéria excluindo toda, p. especialização, o bom juiz é aquele que recebeu uma cultura geral” (*Interpretação e Ideologias*, p. 63).

inicial do fenômeno já se coloca a primeira delas, que “consiste em aceitarmos como evidente uma análise em termos de classes sociais”¹¹.

Devido ao sinal do marxismo em relação ao problema da ideologia, parece natural que ela seja vista nesses termos, “embora tenha sido Napoleão quem, pela primeira vez, fez desse termo uma arma de combate (o que... talvez não deva ser definitivamente esquecido)”¹².

Ricoeur rejeita a análise em termos de classes sociais, porque considera que isto consiste em “fechar-se ao mesmo tempo numa polêmica estéril, pró ou contra o marxismo”. Sua proposta é a de um “pensamento a-marxista”, de um *cruzamento* de Marx, sem segui-lo ou combatê-lo, e sem sofrer intimidação de quem quer que seja¹³.

Para evitar esta primeira armadilha, é preciso evitar uma segunda, “que consiste em definir, inicialmente, a ideologia por sua função de justificação, não somente movido pelos interesses de uma classe, mas de uma classe *dominante*”.

Deve-se evitar, portanto, o fascínio que o problema da dominação exerce, e considerar o problema mais amplo da integração social, “de que a dominação é uma dimensão, e não a condição única e essencial”¹⁴.

Se a ideologia for interpretada simplesmente como uma função da dominação, então se admitirá também, “sem crítica”, que ela é “um fenômeno essencialmente negativo, primo do erro e da mentira, irmão da ilusão”. Ricoeur critica o fato de na literatura contemporânea sobre o tema, nem se submeter ao exame “a ideia que já se tornou natural de que a ideologia é uma representação falsa, cuja função é dissimular a pertença dos indivíduos, professada por um indivíduo ou por um grupo, e de que estes têm interesse em não reconhecer o fato”¹⁵.

Estes primeiros questionamentos de Ricoeur são complementados pela pergunta a respeito do “estatuto epistemológico da própria teoria das ideologias”. E, aqui, também, há armadilhas, como, por exemplo, a admissão

¹¹ Idem, p. 64.

¹² Idem

¹³ Idem.

¹⁴ Idem, p. 65.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

frequente de que “o homem da suspeita está isento da tara que ele denuncia: a ideologia é o pensamento de meu adversário; é o pensamento do *outro*. *Ele* não sabe, *eu*, porém, sei”¹⁶.

Esse tipo de afirmação é próprio de quem pretende sustentar “um ponto de vista sobre a ação que seja capaz de escapar à condição ideológica do conhecimento engajado na práxis. A essa pretensão acrescenta-se outra: não somente há um lugar não ideológico, mas este lugar é o de uma ciência, semelhante à de Euclides... Galileu e Newton...”¹⁷.

Tal pretensão, no entanto, “particularmente viva nos mais eleatas dos marxistas, é exatamente a que Aristóteles condenava entre os platônicos de seu tempo, em matéria de ética e de política, à qual opunha o pluralismo dos métodos e o dos graus de rigor e de verdade”¹⁸.

Esse pluralismo pode ser justificado também com razões novas, “razões que se devem a toda reflexão moderna sobre a condição propriamente histórica da compreensão da história”. Isto implica que “a natureza da relação entre ciência e ideologia depende, tanto do sentido que possamos dar à noção de ciência nas matérias práticas e políticas quanto do que possamos dar à própria ideologia”¹⁹.

A verdade é que “não há Ciência capaz de arrebatarse à condição ideológica do saber prático”²⁰. No entanto, não se deve renunciar pura e simplesmente à oposição entre Ciência e ideologia.

Ricoeur procura reformular esta questão de forma a situar a crítica das ideologias “no contexto de uma interpretação, tendo consciência de ser historicamente situada, mas que se esforça por introduzir, tanto quanto pode, um fator de distanciamento no trabalho que não cessamos de retomar para reinterpretar nossas heranças culturais”²¹.

A análise de Ciência e ideologia terá como horizonte, assim, “somente a procura de uma relação intimamente dialética” entre ambas, o que é

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem, p. 65s.

¹⁹ Idem, p. 66.

²⁰ Idem, ibidem.

²¹ Idem.

“compatível com o grau de verdade ao qual... é possível aspirar, como dizia Aristóteles, nas coisas práticas e políticas”²².

Dessa forma, Ricoeur procurará adotar uma descrição do fenômeno ideológico que “não será, de início, o de uma análise em termos de classes sociais e de classe dominante”. Sua intenção é a de “chegar ao conceito de ideologia que corresponda a essa análise, mais do que partir dela”. Este é seu modo de “cruzar o marxismo”²³.

4. AS FUNÇÕES DA IDEOLOGIA DE ACORDO COM RICOEUR

Partindo das considerações acima, vê-se que a ideologia é interpretada por Paul Ricoeur, particularmente em relação às suas funções, a saber: 1) *função geral*; 2) *função de dominação*; 3) *função de deformação*, as quais, expomos a seguir.

1) A *função geral* da ideologia é a da *integração*, e está ligada à necessidade que um grupo social tem de “conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar”²⁴. O ponto de partida de Ricoeur para a definição dessa função geral se encontra na “análise weberiana do conceito de ação social e de relação social”, de acordo com a qual “há ação social quando o comportamento humano é significativo para os agentes individuais e quando o comportamento de um é orientado em função do comportamento de outro”.

A ideia de relação social acrescenta a esse duplo fenômeno de significação e de orientação mútua, a ideia de uma estabilidade e de uma previsibilidade de um sistema de significações. Pois bem, “é nesse nível do caráter significativo, mutuamente orientado e socialmente integrado da ação, que o fenômeno ideológico aparece em toda a sua originalidade”²⁵.

²² Idem, p. 66.

²³ Idem, p. 67.

²⁴ Idem, p. 68.

²⁵ Idem, p. 67.

O primeiro traço característico da ideologia, assim, é a representação. A relação que uma comunidade histórica mantém com o ato fundador que a instaurou é considerada “primitiva”, por Jacques Ellul, nos seguintes termos: “a ideologia é função da distância, que separa a memória social de um acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir”²⁶.

Ela desempenha, assim, não só o papel de “difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, para convertê-la num credo de todo o povo, mas, também, o de perpetuar sua energia inicial para além do período de efervescência”. Nessa distância “intervêm as imagens e as representações”. As interpretações são integrantes do processo ideológico, é “sempre numa interpretação que o modela retroativamente, mediante uma representação de si mesmo, que um ato de fundação pode ser retomado e atualizado. Talvez não haja grupo social sem essa relação indireta com seu próprio advento”.

Dessa forma, é inevitável que o fenômeno ideológico comece demasiadamente cedo, “porque, com a domesticação, pela lembrança, começa o consenso, mas, também, se iniciam a convenção e a racionalização”. Isto leva a ideologia a deixar de desempenhar o papel de mobilizadora para tornar-se justificadora, isto é, ela “só continua sendo mobilizadora com a condição de ser justificadora”²⁷.

Pode-se, com facilidade, perceber o papel da linguagem e do credo no processo ideológico assim descrito. O credo é uma consequência da domesticação, que vem pela repetição da narrativa dos atos fundadores e pela adoção de determinadas práticas nas relações sociais.

Na definição da *função geral*, Ricoeur expõe, ainda mais, quatro traços da ideologia. O segundo traço é seu dinamismo: de justificadora, ela passa a ser mobilizadora, e “só continua sendo mobilizadora com a condição de ser justificadora”. A ideologia, assim, “depende daquilo que poderíamos chamar de uma teoria da motivação social”.

²⁶ “Le rôle médiateur de l’idéologie”, in: *Demythisation et Idéologie*, Paris, Aubier, 1973 (Ricoeur, p. 68).

²⁷ P. Ricoeur, *op. cit.*, p. 68.

Comparada aos projetos individuais, ela é, para a práxis social, “um projeto, um motivo” e, como tal, “justifica e compromete”. Na ideologia, argumenta-se que “o grupo que a professora tem razão de ser o que é”²⁸.

Apesar disso, Ricoeur afirma que “não se deve tirar daí, de modo apressado, um argumento contra a ideologia: seu papel mediador permanece insubstituível”. A ideologia, por ser “*justificação e projeto*, é sempre mais que um *reflexo*”. Dessa forma, tanto a origem das comunidades históricas quanto as ações instituídas, em relação aos empreendimentos e instituições, recebem dela justificação e motivação²⁹.

O terceiro traço da ideologia relaciona-se com seu dinamismo. É para preservá-lo que “toda ideologia é simplificadora e esquemática”. E, isto, se constitui em seu terceiro traço. A ideologia “é um código, para se dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, mas da história e, em última instância, do mundo”. Este seu caráter codificado “é inerente à sua função justificadora”³⁰.

A ideologia mantém sua capacidade de transformação – e nisto reside seu dinamismo – “com a condição de que as ideias que veicula tornem-se opiniões, de que o pensamento perca rigor para aumentar sua eficácia”. A ideologia é apresentada como se apenas ela “pudesse mediatizar, não somente a memória dos atos fundadores, mas os próprios sistemas de pensamento”.

É dessa forma que “tudo pode tornar-se ideológico: ética, religião, filosofia”. É justamente nessa “mutação de um sistema de pensamento em sistema de crença” que reside o fenômeno ideológico³¹.

A presença da linguagem na ideologia, assim definida, pode ser verificada nos vocabulários, nos rituais, nos estereótipos, nas “denominações corretas”. Esta presença negativa da linguagem faz da ideologia o “reino dos *ismos*”³².

²⁸ Idem.

²⁹ Idem, p. 69. Verifica-se nesta parte de sua exposição uma realização do propósito inicial de ver a ideologia de forma positiva.

³⁰ Idem, ibidem.

³¹ Idem.

³² Ricoeur observa que, mesmo no pensamento especulativo, é possível que só se encontrem ismos, “por assimilação a esse nível de discurso: espiritualismo, materialismo etc.”. cf. p. 69.

Neste terceiro traço da ideologia, observa-se seu nível epistemológico. Ela situa-se no reino da opinião, na *dóxa*. Se for adotada a terminologia freudiana, a ideologia corresponderá ao momento da racionalização. Suas formas de expressão preferidas serão, por isso, as máximas, os *slogans* e as fórmulas lapidares. Devido a isso, “nada é mais próximo da fórmula retórica – arte do provável e do persuasivo – que é a ideologia”.

Tal aproximação “sugere que a coesão social não pode ser assegurada, a não ser que seja ultrapassado o *optimum* dóxico que corresponde ao nível cultural médio do grupo em questão”. No entanto, Ricoeur observa que, mesmo este traço da ideologia, não nos deve levar a denunciá-la como fraudulenta ou patológica: “esse esquematismo, essa idealização, essa retórica, são o preço a ser pago pela eficácia social das ideias”³³.

O quarto traço da ideologia consiste no predomínio da operacionalidade, mais que da tematização, isto é, “ela opera atrás de nós, mais do que a possuímos como um tema diante de nossos olhos”. Nossa capacidade de interpretação da ideologia é reduzida: seu “código interpretativo é mais algo *em que* os homens habitam e pensam do *que* uma concepção que possam expressar”. Pensamos a partir dela, “mais do que podemos pensar sobre ela”. É dela que procede a “possibilidade de dissimulação, de distorção, que se vincula, desde Marx, à ideia de imagem invertida de nossa própria posição na sociedade”³⁴.

A impossibilidade de um indivíduo e de um grupo “formular tudo, tematizar tudo e propor tudo como objeto de pensamento..., faz com que a ideia seja, por natureza, uma instância não crítica”.

Apesar da periculosidade de tal situação, Ricoeur insiste em dizer que esse traço da ideologia “não é infamante”. Esta não transparência de nossos códigos culturais é “uma condição da produção das mensagens sociais”³⁵.

Este “estatuto não reflexivo e não transparente da ideologia” é complicado e agravado pelo quinto traço apontado por Ricoeur, “o aspecto *temporal* específico da ideologia”.

³³ Idem, p. 69s.

³⁴ Idem, p. 70 (Grifos de Ricoeur).

³⁵ Idem, *ibidem*.

O fenômeno ideológico parece caracterizar-se pela “inércia”, pelo “retardo”, o novo é recebido apenas em função do típico, “também oriundo da sedimentação da experiência social”³⁶.

Aí, já se inclui a função da dissimulação, que é exercida em relação a experiências efetivas do grupo que não são toleradas, mas são “inassimiláveis pelo esquema diretriz”.

Essa intolerância, essa ortodoxia, é comum a todo grupo. Talvez não seja possível uma sociedade radicalmente pluralista e permissiva. A intolerância aparece em algum setor da vida em grupo, ela começa justamente “quando a novidade ameaça gravemente a possibilidade, para o grupo, de reconhecer-se, de reencontrar-se”, quando a representação que ele faz de si mesmo é ameaçada³⁷.

Nessa função integradora e conservadora, a ideologia limita as possibilidades de interpretação: “é, ao mesmo tempo, interpretação do real e obturação do possível”. Ela “opera um estreitamento do campo com referência às possibilidades de interpretação que pertencem ao *élan* inicial do evento”. Nesse sentido, Ricoeur admite que se fale em “enclausuramento” e “cegueira” ideológicos. Ressalva, porém, que “mesmo que o fenômeno se converta em patologia, conserva algo de sua função social”. O código ideológico é indispensável para a “tomada de consciência”³⁸.

A ideologia está vinculada a uma “esquemática inelutável” e, sendo por esta afetada, “ela se sedimenta, enquanto mudam fatos e situações”. É este paradoxo que leva a discussão do fenômeno ideológico para o “limiar da função, tão enfatizada, de *dissimulação*”³⁹. Ricoeur afirma, que o preço a pagar pela integração social é este.

2) A ideologia também apresenta outra função, a de *dominação*. Enquanto a integração é uma função geral, esta é de caráter particular, vinculando-se “aos aspectos hierárquicos da organização social”. Quando se

³⁶ Idem.

³⁷ Idem, p. 71.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ Idem. A dissimulação é uma função complementada pela justificação, que leva à dominação.

procura estabelecer uma conjunção entre ambas, “a função de dissimulação é claramente predominante”⁴⁰.

Ricoeur preferiu partir da função de integração, que inclui a da dissimulação, para, então, tratar da função de *dominação*, pois, para ele, o entendimento da cristalização do fenômeno ideológico em relação ao problema da *autoridade* carece desse passo introdutório. A ideologia “interpreta e justifica, por excelência, a relação com as autoridades, o sistema de autoridade”⁴¹.

Para tratar desta parte, ele baseia-se nas análises de Max Weber sobre a autoridade e a dominação, das quais apresenta sumariamente os conceitos relativos ao tema. Weber afirma que “toda autoridade procura legitimar-se, e os sistemas políticos se distinguem segundo seu tipo de legitimação”⁴².

Ricoeur acrescenta a esta tese, a observação de que há uma dissimetria essencial entre a pretensão, a legitimidade e a crença dos indivíduos nela. Em suas próprias palavras: “Direi que há sempre mais na pretensão que vem da autoridade do que na crença que vai à autoridade”.

A este fenômeno, ele chama de mais-valia, devido ao “excesso da demanda de legitimação relativamente à oferta da crença”. Toda autoridade exige mais do que a crença dos indivíduos possa suportar. Para ele, é aí que “a ideologia se afirma como o substitutivo da mais-valia e, ao mesmo tempo, como o sistema substitutivo da dominação”⁴³.

Um grupo que se representa ideologicamente tem um ato fundador essencialmente político. A autoridade participa da constituição de um grupo. Ao tornar-se uma realidade política, a comunidade histórica instaura o fenômeno da dominação.

Este é o motivo pelo qual a ideologia, enquanto dissimulação, interfere na ideologia-integração de forma completa, “especialmente no caráter de não transparência que se vincula à função mediadora da ideologia”⁴⁴.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem (os grifos são nossos).

⁴² Idem, p. 72.

⁴³ Idem, ibidem.

⁴⁴ Idem.

O caráter de inércia da ideologia é ratificado de forma completa pelo fenômeno da autoridade e da dominação, pois “não há legitimação inteiramente transparente”. O caráter de distorção e dissimulação da ideologia passa para o primeiro plano, em relação à sua função mediadora e integradora, quando ela se defronta com o fenômeno da dominação.

Contudo, Ricoeur observa que, assim como a integração de um grupo não se reduz completamente à autoridade e à dominação, da mesma forma os traços da ideologia, enquanto mediação, não passam a desempenhar a função de dissimulação, como frequentemente se pretende definir e reduzir a ideologia.

3) É depois destas definições que Ricoeur trata, enfim, da *função da deformação*, isto é, do conceito propriamente marxista de ideologia, caracterizado essencialmente pela “ideia de uma distorção, de uma deformação por *inversão*”.

Para Ricoeur, “o fato decisivo é que a ideologia é definida por seu conteúdo”. Ela é um “menosprezo que nos faz tomar a imagem pelo real, o reflexo pelo original”⁴⁵.

Ricoeur afirma que há uma produção humana que é inversão e que produz a inversão ideológica. Tal produção é a religião, “que não é um exemplo de ideologia, mas a ideologia por excelência. Com efeito, é ela que opera a inversão entre céu e terra, e que faz os homens andarem de cabeça para baixo”⁴⁶.

Porém, Ricoeur, observa que “o fato de a religião poder prestar-se a essa função, enquanto inversão das relações do céu e da terra, significa que ela não é mais religião, vale dizer, inserção da palavra no mundo, porém, *imagem invertida da vida*. Sendo assim, só pode ser a ideologia denunciada por Marx”⁴⁷.

⁴⁵ Idem, p. 73 (grifos originais).

⁴⁶ Idem, p. 72.

⁴⁷ Idem, p. 75.

Aquilo que os homens fazem, “a atividade real, o processo de vida real”, deixa de constituir a base da existência social, e é “substituído por aquilo que eles dizem, se imaginam, se representam”⁴⁸.

Essas produções (dizer, imaginar, representar), apesar de procederem do real, caminham em direção ao imaginário. Marx procede a uma genealogia de tais representações e a uma “inversão da inversão”.

Para Ricoeur, dessa forma, “a contribuição de Marx reside numa *especificação* do conceito de ideologia”⁴⁹.

De acordo com Ricoeur, o que possibilita a eficácia social das ilusões, crenças e fantasmagorias, é o fato de a ideologia possuir um “papel mediador incorporado ao mais elementar vínculo social, como sua constituição simbólica”⁵⁰.

Ricoeur considera a relação entre dominação e ideologias anterior à análise, em termos de classes sociais “e susceptível, eventualmente, de sobreviver-lhe”⁵¹. E, é isto, que possibilita a compreensão da representação invertida da realidade e de seu serviço aos interesses da classe dominante.

Em síntese, “o que Marx fornece de novo destaca-se sobre esse fundo prévio de uma constituição simbólica do vínculo social em geral e da relação de autoridade em particular”. O que lhe é específico é a “função justificadora da ideologia”, que se aplica à “relação de dominação, oriunda da divisão em classes sociais e da luta de classes”⁵².

A tese marxista é aplicável, também, a qualquer outro sistema de pensamento, inclusive à Ciência e à tecnologia, que “podem funcionar como ideologias, desde que mascarem, por detrás de sua pretensão à cientificidade, sua função de justificação relativamente ao sistema militar-industrial do capitalismo avançado”⁵³.

⁴⁸ Idem, p. 75.

⁴⁹ Todo o idealismo alemão e toda a filosofia tinham sido reduzidos, por Feuerbach, à religião, e esta a um “reflexo invertido”. O que Marx fez foi acrescentar a esta “redução em ideias, a redução na prática, destinada a revolucionar a base da ideologia” (idem, p. 73s).

⁵⁰ Idem, p. 74.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem, p. 75.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese fundamental de Ricoeur, em relação ao que foi examinado até agora, é a de que “a ideologia é um fenômeno insuperável da existência social, na medida em que a realidade social sempre possuiu uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social”⁵⁴.

Em sua busca de um cruzamento do marxismo, visa preservar as próprias ideias de Marx da dissimulação, afirmando que “a conjunção do critério marxista com os outros critérios da ideologia pode liberar o potencial crítico desse critério mesmo e, eventualmente, lançá-lo contra os usos ideológicos do marxismo”⁵⁵.

Afirmção em nossos dias oportuna, quando, por um lado, governos de inspiração comunista se mostram autoritários, aproximando-se do totalitarismo, bem como quando, por outro lado, adversários do pensamento de Karl Marx criticam suas ideias libertadoras, transformadoras e revolucionárias, associando-as ao termo ideologia, com óbvias pretensões à manutenção do poder.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.



REFERÊNCIAS

CASSIRER, E. *O Mito do Estado*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HUISMAN, D. *Dictionnaire des Philosophes*. Paris: PUF, 1984.

LALLANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Porto: Res, s/d.

MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. J. C. Bruni e M. A. Nogueira. 7. ed. S. Paulo: Hucitec, 1989.

MARX, K. & ENGELS, F. *La Ideología Alemana*. Trad. W. Roces. Montevideo: Pueblos Unidos, 1959. Disponível online: <https://www.marxists.org/espanol/m-e/1846/ideoalemana/index.htm>

MC LELLAN, David. *A Ideologia*. Trad. M. P. Gonçalves Azevedo. Lisboa: Estampa, 1987.

RICOEUR, P. *Ideología y Utopía* (Conferências proferidas na Universidade de Chicago, 1975). Barcelona: Gedisa, 1984.

RICOEUR, P. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.